

ICA BOSTON CONDUZINDO O OLHAR

Um convite à contemplação – ora da paisagem, ora das obras de arte – o Institute of Contemporary Art de Boston é o primeiro museu a ser inaugurado na cidade nos últimos 100 anos. A espera foi recompensada...

Winnie Bastian

Um grande filtro, que orienta a atenção do visitante e dirige o seu olhar. Foi dessa forma que os arquitetos Elizabeth Diller, Ricardo Scofidio e Charles Renfro, do escritório nova-iorquino Diller Scofidio + Renfro (DS+R), conceberam a nova sede do Institute of Contemporary Art (ICA), em Boston.

Com cerca de 20 mil m² de área construída, o prédio possui quase 5.500 m² de galerias, além de um teatro para 325 lugares, restaurante, livraria, escritórios administrativos, miateca, salas para funções educativas e um estúdio para a criação de obras de arte digitais.

O desafio era equilibrar os dois objetivos do projeto, concorrentes e complementares: “Atuar como um edifício cívico dinâmico, preenchido com atividades públicas e sociais e, ao mesmo tempo, como uma atmosfera controlada e contemplativa para os indivíduos interagirem com a arte contemporânea”, explicam os arquitetos. Assim, a opção foi conceber o edifício “público” a partir

À direita, vista das fachadas norte e leste do ICA. Com exceção das galerias, no 4º andar, o edifício organiza-se em duas partes distintas: na ala leste (à esquerda, na mesma foto) se concentram as funções administrativas e de serviço e; na ala oeste, as atividades voltadas ao público. No térreo, destaque para a praça formada pela extensão do passeio: coberta e em desnível, convida à permanência e à contemplação





Iwan Baan

Negada nas galerias expositivas, a vista da cidade surge escancarada na galeria norte (à esquerda) e no teatro (no pé da página ao lado). A ausência de colunas nas galerias (no alto da página ao lado) flexibiliza o espaço, que pode ser dividido conforme as necessidades de cada mostra; a iluminação zenital proveniente das clarabóias é difundida por um tecido esticado que faz as vezes de forro

do chão em direção ao alto e o edifício “privado”, do céu em direção ao solo. Livraria e restaurante ocupam o piso térreo. Por meio de um grande elevador envidraçado, os visitantes podem ter acesso a uma sala educativa multi-uso, no 2º pavimento, ao teatro, no 3º, ou às galerias e à miidiateca, no 4º. As funções de apoio e serviço foram concentradas na ala leste do edifício (exceção feita apenas ao 4º pavimento, que é ocupado pelas galerias). O ICA situa-se às margens do Porto de Boston e do Harborwalk, um passeio costeiro com 75 km de extensão (parcialmente concluído) que interligará diversos bairros da cidade. Conectando o prédio ao espaço urbano, o Harborwalk se estende simbolicamente ao novo edifício e desdobra-se de modo a definir os principais espaços da nova construção e atuar como o elemento de conexão entre as áreas públicas e as semipúblicas. As tábuas que revestem o passeio fluem em direção ao ICA, dando origem a uma grande praça (coberta pelo próprio edifício) com arquibancadas que se voltam para a água. O deck da praça, então, assume um caráter maleável, curvando-se e “escalando” o edifício para formar o piso do palco, que se eleva diagonalmente para suportar os assentos do teatro, curva-se a 90 graus para se transformar em parede, e novamente se dobra para criar o piso das galerias do 4º pavimento.

Peter Vanderwarker



Iwan Baan



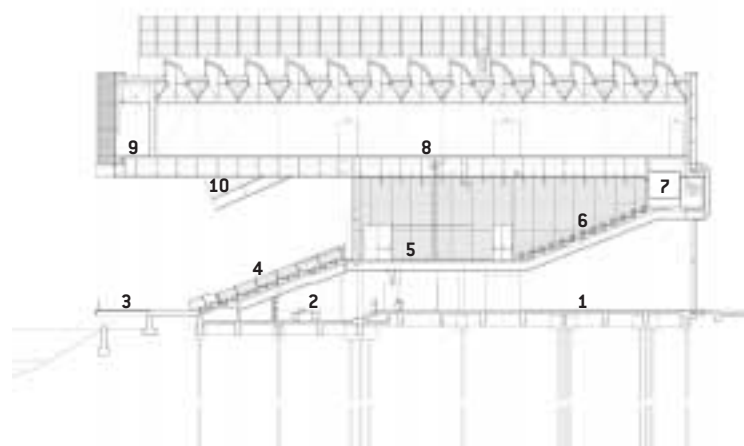
Iwan Baan

Acima, vista da fachada leste: a iluminação destaca as galerias, ponto focal do edifício, que flutuam sobre a praça e o porto. Abaixo, corte evidencia a “fita” que se desenrola continuamente pelo edifício a partir da praça em desnível, dando origem ao teatro e, posteriormente, às galerias



Iwan Baan

Acima, a mídia-teca: o escalonamento do piso permite que todos os ocupantes tenham a vista da água, que assume o papel de um elemento abstrato. Abaixo, vista da fachada oeste: o percurso contínuo da faixa de madeira, que se inicia no Harborwalk, transparece claramente nas fachadas laterais



- | | |
|-------------------|---------------------|
| 1. LOBBY | 6. TEATRO (platéia) |
| 2. LIVRARIA | 7. ACESSO AO TEATRO |
| 3. PASSEIO | 8. GALERIA OESTE |
| 4. PRAÇA COBERTA | 9. GALERIA NORTE |
| 5. TEATRO (palco) | 10. MÍDIATECA |

As galerias são o foco principal do ICA, a forma do edifício foi definida em função delas. Como o desejo da direção do museu era de que, para garantir flexibilidade máxima de uso, o espaço expositivo ocupasse um único andar, os arquitetos retraíram a planta do edifício ao nível do solo na fachada norte, voltada para o porto, e ampliaram a planta do 4º pavimento na mesma direção. O resultado é uma caixa translúcida, que, graças a um balanço de quase 25 metros, flutua de forma dramática sobre o Harborwalk em direção à água. Livre de colunas e com pé-direito de 4,8 metros, o espaço expositivo se divide em duas galerias (leste e oeste), conectadas por uma longa passagem envidraçada, que abarca toda a extensão da fachada norte. Esse grande mirante é parte da estratégia projetual adotada por Diller, Scofidio e Renfro: ao selecionar a exibição de determinadas vistas em momentos específicos, evita-se que o visitante divida sua atenção entre as obras expostas e a vista exuberante. As galerias expositivas, por essa razão, são caixas

fechadas, sem qualquer abertura para o exterior. A paisagem volta a aparecer com força no teatro, que é totalmente envidraçado nas fachadas norte e oeste, permitindo que a água e o horizonte se tornem um cenário para o palco. A presença da vista pode ser controlada conforme as necessidades das apresentações. Mas a forma mais surpreendente de interação com o entorno acontece na mídia-teca, uma pequena sala acessada pelo 4º andar, onde os visitantes podem pesquisar a coleção do museu. Inclinada em direção ao mar, a mídia-teca se desenvolve em patamares, permitindo que todos seus ocupantes possam contemplar a água, que, emoldurada pelas paredes da própria sala, se transforma em uma “obra de arte abstrata”, cuja cor e textura permanecem em constante mutação. Assim, ao planejarem o edifício para guiar o olhar do visitante em diversas situações, Diller, Scofidio e Renfro produzem uma obra que encanta e intriga seus visitantes, mas sempre mantendo o respeito à sua função primeira: a de valorizar as obras de arte nela expostas. ❁



Nic Lehoux